

EXAME

*Ideias para quem decide*



A NOVA  
GUERRA  
FRIA

O impacto — no Brasil e lá fora — da escalada de tensão entre os Estados Unidos e a China. A má notícia: a disputa entre as duas maiores potências do mundo está só começando e vai longe

**ARTIGOS E ENTREVISTAS**

• Daniel Azevedo • Joseph Nye • Kaushik Basu • Manuel Muñoz • Minxin Pei • Nina Khrushcheva  
• Nouriel Roubini • Parag Khanna • Robert Kaplan • Stephen Roach • Vinicius Rodrigues Vieira

SETEMBRO 2019 • ED. 33 • R\$35,00  
7 18936 141 1159 9



# CLIMA QUENTE

A disputa com os Estados Unidos fortalece a posição da China nas questões ambientais, mas é cedo para prever os efeitos nas relações multilaterais do clima. Os chineses, além disso, precisam fazer sua lição de casa

ANDREA VIALLI

**N**o campo comercial e político, a queda de braço entre os Estados Unidos e a China ainda tende a se desdobrar por muitos capítulos. Nas questões ambientais globais, especialmente as de natureza multilateral, como o combate às mudanças climáticas, o cenário ainda é nebuloso. Não é claro se a disputa poderá afetar os objetivos estabelecidos no Acordo de Paris, que pretende evitar que a temperatura global suba mais de 2 °C até o fim deste século. Mas uma coisa é certa: na contraposição entre os dois países, a China sai fortalecida ao abraçar metas reais de redução da poluição, liderar tecnologias na área de energias

renováveis e reforçar seu *soft power* nas agendas multilaterais globais.

Atualmente, dez países respondem por quase 70% das emissões de gases causadores do efeito estufa no mundo. A China e os Estados Unidos são os dois maiores responsáveis pelas emissões — o gigante asiático responde por cerca de 23% das emissões globais, enquanto os Estados Unidos estão no patamar de 13%. A União Europeia, como bloco, responde por aproximadamente 9%. Desde que o Acordo de Paris foi assinado, em dezembro de 2015, no âmbito da Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima das Nações Unidas, por 195 países, esses percentuais não se alteraram. O comportamento dos dois líderes nesse ranking, porém, caminhou em direções opostas.

Enquanto o ex-presidente Barack Obama conduziu os Estados Unidos numa direção progressista em relação às mudanças climáticas, seu sucessor, Donald Trump, ao tomar posse demarcou seu território: desmantelou a EPA, agência de proteção ambiental americana, cercou-se de negacionistas do clima e retirou o país do Acordo de Paris, sob a alegação de que a permanência no tratado afetaria a economia americana. Na última reunião do G20 em Osaka, no Japão, em junho, o presidente americano fez questão de distanciar-se ainda mais do tema, não sem antes mencionar que, a despeito da saída dos Estados Unidos do acordo, as emissões de gases de efeito estufa haviam caído 14% de 2005 a 2017, em razão de fatores econômicos e da substituição de carvão por gás natural na matriz energética — basicamente um feito de seu antecessor.

A China, aproveitando a omissão americana, vem buscando se posicionar de forma mais contundente na corrida ambiental. “Ainda que seja um regime totalitário, o país surfa o vácuo deixado pelos Estados Unidos e se coloca para o mundo como uma liderança potencial nessas questões. Almeja ser líder em inovação e começa a ter convergência entre soluções tecnológicas e ambientais, com boas chances”, diz Eduardo Felipe Matias, doutor em direito internacional e autor do livro *A Humanidade Contra as Cordas: a Luta da Sociedade Global pela Sustentabilidade*. Isso se reflete em posições importantes em setores-chave para a economia de baixo carbono, como as energias renováveis e a eletrificação de sistemas de transporte urbano.

No campo da energia solar fotovoltaica, por exemplo, a China detém a liderança na produção de painéis, que exporta para o mundo todo. Também é o maior gerador da fonte, com 176,1 GW (gigawatts) em potência acumulada, sendo 45 GW instalados só em 2018, e também abriga o complexo de Tengger, maior parque fotovoltaico do mundo, apelidado de “Grande Muralha Solar”, na cidade de Zhongwei. Na energia eólica, outro poderio: a China é o país que mais instala geradores a vento desde 2008, com os atuais 206 GW de potência instalada *onshore* (em terra firme). O mais recente relatório da Bloomberg New Energy Finance, pu-



WANG WEN/VISUAL CHINA GROUP/BETTY IMAGES

blicado em agosto de 2019, aponta que a China deverá se manter bem posicionada nas duas fontes e deverá saltar de 8% para 48% da matriz energética até 2050. Até lá, indica o relatório, a China poderá gerar 17% de energia solar fotovoltaica e 33% de toda a energia eólica do mundo. “A base da geração de energia da China é o carvão, mas o país viu na produção de energia eólica e solar a oportunidade de mercado de que precisava tanto para liderar nessas cadeias de suprimentos quanto para limpar sua matriz energética e atingir metas climáticas”, diz Mario Monzoni, professor e coordenador do Centro de Estudos em Sustentabili-